

# OS PAPAS PÓS-CONCÍLIO VATICANO II

## 1. O PAPADO

Início essa introdução com as palavras do então Cardeal Joseph Ratzinger, quando prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, ao escrever sobre o primado do sucessor de Pedro no mistério da Igreja. Ele escreve que a função do Bispo de Roma corresponde a vontade de Cristo e que sua instituição é divina. Ressalta que suas decisões não são conforme seu próprio arbítrio, mas dá voz à vontade do Senhor. Este é a rocha que garante rigorosa fidelidade à Palavra de Deus e o Espírito Santo dá uma especial assistência a esse magistério.

Enquanto os bispos são sucessores dos Apóstolos o Papa é sucessor de um único Apóstolo, ou seja, São Pedro. Primeiro Cristo cria a Igreja Universal na primazia de Pedro, depois são criados as Igrejas locais e para essas Igrejas são nomeados Bispos, que devam estar em comunhão com os Apóstolos e o Bispo de Roma. O Papa tem jurisdição universal, ordinária e episcopal sobre o mundo inteiro, e seu poder não é algo de extraordinário, que tira a autoridade da Igreja local, e sim é aquele que está junto. (CD 1015)

O Catecismo da Igreja Católica, parágrafo 880, nos diz:

“Cristo ao instituir os Doze, instituiu-os à maneira de colégio ou grupo estável, ao qual prepôs Pedro, escolhido dentre eles. Assim como, por disposição do Senhor, S. Pedro e os outros apóstolos constituem um único colégio apostólico, de modo semelhante o Romano Pontífice, sucessor de Pedro, e os Bispos, sucessores dos Apóstolos, estão unidos entre si.”

A Igreja nos revela que essa primazia foi confiada a Pedro, por Jesus, como descrito no Evangelho de São Mateus capítulo 16, versículo 18 a 19: “E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos céus: tudo o que ligares

na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.”

A Constituição Apostólica Lumen Gentium nos diz:

“[...] E quis que os sucessores dos Apóstolos, isto é, os Bispos, fossem em sua Igreja Pastores até à consumação dos séculos. E para que o próprio Episcopado fosse uno e indiviso prepôs aos demais Apóstolos o bem-aventurado Pedro e nele instituiu o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade de fé e comunhão. Esta doutrina sobre a instituição, perpetuidade, poder e natureza do sacro Primado do Romano Pontífice e sobre seu infalível Magistério, o Sagrado Sínodo novamente a propõe para ser crida firmemente por todos os fieis.”

E como dever do Papa, o CIC, § 882, nos mostra que em virtude de seu múnus de Vigário de Cristo e de Pastor de toda a Igreja, este possui o poder pleno, supremo e universal. E ele pode exercer sempre livremente este seu poder. O Código do Direito Canônico, § 756, nos diz que o múnus de anunciar o Evangelho foi confiado principalmente ao Romano Pontífice. Já nos parágrafos 1273, 1442 e 1629 afirmam que o Sumo Pontífice é o supremo administrador e dispensador de todos os bens eclesiais e que ainda é o juiz supremo de todas as causas do mundo católico, não cabendo apelação para casos julgados por ele. O Papa além de deter o governo da Igreja ainda cumpre as obrigações de um chefe de Estado, que verdadeiramente é, já que o Vaticano é considerado o menor país do mundo. O catecismo da Igreja Católica resume todos esses deveres, do parágrafo 880 a 896, em três pontos, sendo: O múnus de ensinar, de reger e de Santificar.

Como fato bíblico, que atesta esse poder papal temos o Concílio de Jerusalém, relatado em Atos dos Apóstolos, capítulo 15, onde Pedro afirma que Jesus o escolheu como anunciador do Evangelho aos pagãos. E este de pé proclama essa afirmação com autoridade a todos que estavam presentes.

São Pedro, de Pescador a Apóstolo e Papa, morreu no ano de 67 d.c., quando foi crucificado de cabeça para baixo, em Roma, pois se julgava indigno de morrer do

mesmo modo que seu Mestre e Senhor Jesus Cristo. Hoje seu corpo se encontra sepultado abaixo do Altar Mor da Basílica de São Pedro no Vaticano.

Como sucessores de Pedro tivemos 266 papas, sendo:

2013 – Francisco (Jorge Mario Bergolio)  
2005 - 2013: Bento XVI (19/04/2005 - O cardeal alemão Joseph Ratzinger, 78 anos, eleito papa. Bento XVI foi o nome escolhido pelo pontífice para assumir a Igreja Católica.)  
1978 - 2005: João Paulo II (Karol Woityla)  
1978 - 2005: João Paulo I (Albino Luciani)  
1978 - 1978: João Paulo I (Albino Luciani)  
1963 - 1978: Paulo VI (Giovanni Battista Montini)  
1958 - 1963: João XXIII (Angelo Giuseppe Roncalli)  
1939 - 1958: Pio XII (Eugenio Pacelli)  
1922 - 1939: Pio XI (Achille Ratti)  
1914 - 1922: Bento XV (Giacomo Marchese della Chiesa)  
1903 - 1914: Pio X (Giuseppe Sarto)  
1878 - 1903: Leão XIII (Gicchino Vincenzo de Pecci)  
1846 - 1878: Pio IX (Giovanni Conte Mastai-Ferretti)  
1831 - 1846: Gregório XVI (Bartolomeo Cappellari)  
1829 - 1830: Pio VIII (Francesco Saverio Castiglioni)  
1823 - 1829: Leão XII (Annibale della Genga)  
1800 - 1823: Pio VII (Luigi Barnaba Chiaramonti)  
1775 - 1799: Pio VI (Giovanni Angelo Conte Braschi)  
1769 - 1774: Clemente XIV (Lorenzo Ganganelli)  
1758 - 1769: Clemente XIII (Carlo Rezzonico)  
1740 - 1758: Bento XIV (Prospero Lambertini)  
1730 - 1740: Clemente XII (Lorenzo Corsini)  
1724 - 1730: Bento XIII (Pietro Francesco Orsini)  
1721 - 1724: Inocêncio XIII (Michelangelo Conti)  
1700 - 1721: Clemente XI (Giovanni Francesco Albani)  
1691 - 1700: Inocêncio XII (Antonio Pignatelli)  
1689 - 1691: Alexandre VIII (Pietro Ottoboni)  
1676 - 1689: Inocêncio XI (Benedetto Odescalchi)  
1670 - 1676: Clemente X (Emilio

Altieri)  
1667 - 1669: Clemente IX (Giulio Rospigliosi)  
1655 - 1667: Alexandre VII (Fabio Chigi)  
1644 - 1655: Inocêncio X (Giambattista Pamphili)  
1623 - 1644: Urbano VIII (Maffeo Barberini)  
1621 - 1623: Gregório XV (Alessandro Ludovisi)  
1605 - 1621: Paulo V (Camillo Borghesi)  
1605: Leão XI (Alessandro Ottaviano de Medici)  
1592 - 1605: Clemente VIII (Ippolito Aldobrandini)  
1591: Inocêncio IX (Giovanni Antonio Facchinetti)  
1590 - 1591: Gregório XIV (Niccolo Sfondrati)  
1590: Urbano VII (Giambattista Castagna)  
1585 - 1590: Sisto V (Felici Peretti)  
1572 - 1585: Gregório XIII (Ugo Boncompagni)  
1566 - 1572: Pio V (Michele Ghislieri)  
1559 - 1565: Pio IV (Giovanni Angelo de Medici)  
1555 - 1559: Paulo IV (Gianpetro Caraffa)  
1555: Marcelo II (Marcelo Cervini)  
1550 - 1555: Júlio III (Giovanni Maria del Monte)  
1534 - 1549: Paulo III (Alessandro Farnese)  
1523 - 1534: Clemente VII (Giulio de Medici)  
1522 - 1523: Adriano VI (Adriano de Utrecht)  
1513 - 1521: Leão X (Giovani de Medici)  
1503 - 1513: Júlio II (Giuliano della Rovere)  
1503: Pio III (Francesco Todeschini-Piccolomini)  
1492 - 1503: Alexandre VI (Rodrigo de Bórgia)  
1484 - 1492: Inocêncio VIII (Giovanni Battista Cibo)  
1471 - 1484: Sisto IV (Francesco della Rovere)  
1464 - 1471: Paulo II (Pietro Barbo)  
1458 - 1464: Pio II (Enea Silvio de Piccolomini)

1455 - 1458: Calisto III (Alfonso de Bórgia)  
1447 - 1455: Nicolau V (Tomaso Parentucelli)  
1431 - 1447: Eugênio IV (Gabriel Condulmer)  
1417 - 1431: Martinho V (Odo Colonna)  
1410 - 1415: João XXIII (Baldassare Cossa)  
1409 - 1410: Alexandre V (Pedro Philargi de Candia)  
1406 - 1415: Gregório XII (Angelo Correr)  
1404 - 1406: Inocêncio VII (Cosma de Migliorati)  
1389 - 1404: Bonifácio IX (Pietro Tomacelli)  
1378 - 1389: Urbano VI (Bartolomeo Prignano)  
1370 - 1378: Gregório XI (Pedro Rogerii)  
1362 - 1370: Urbano V (Guillaume de Grimoard)  
1352 - 1362: Inocêncio VI (Etienne Aubert)  
1342 - 1352: Clemente VI (Pierre Roger de Beaufort)  
1334 - 1342: Bento XII (Jacques Fournier)  
1316 - 1334: João XXII (Jacques Duèse)  
1305 - 1314: Clemente V (Bertrand de Got)  
1303 - 1304: Bento XI (Nicolau Boccasini)  
1294 - 1303: Bonifácio VIII (Bento Gaetani)  
1294: Celestino V (Pietro del Murrone)  
1288 - 1292: Nicolau IV (Girolamo Masei de Ascoli)  
1285 - 1287: Honório IV (Giacomo Savelli)  
1281 - 1285: Martinho IV (Simão de Brion)  
1277 - 1280: Nicolau III (Giovanni Gaetano Orsini)  
1276 - 1277: João XXI (Pedro Juliani)  
1276: Adriano V (Ottobono Fieschi)  
1276: Inocêncio V (Pedro de Tarantasia)  
1271 - 1276: Gregório X (Teobaldo Visconti)  
1265 - 1268: Clemente IV (Guido Fulcodi)  
1261 - 1264: Urbano IV (Jacques

Pantaleon de Troyes)  
1254 - 1261: Alexandre IV  
(Reinaldo, conde de Segni)  
1243 - 1254: Inocêncio IV  
(Sinibaldo Fieschi)  
1241: Celestino IV (Gaufredo  
Castiglione)  
1227 - 1241: Gregório IX (Hugo,  
conde de Segni)  
1216 - 1227: Honório III (Censio  
Savelli)  
1198 - 1216: Inocêncio III  
(Lotário, conde de Segni)  
1191 - 1198: Celestino III (Jacinto  
Borboni-Orsini)  
1187 - 1191: Clemente III (Paulo  
Scolari)  
1187: Gregório VIII (Alberto de  
Morra)  
1185 - 1187: Urbano III  
(Humberto Crivelli)  
1181 - 1185: Lúcio III (Ubaldo  
Allucingoli)  
1159 - 1180: Alexandre III  
(Rolando Bandinelli de Siena)  
1154 - 1159: Adriano IV (Nicolau  
Breakspeare)  
1153 - 1154: Anastácio IV  
(Conrado, bispo de Sabina)  
1145 - 1153: Eugênio III  
(Bernardo Paganelli de  
Montemagno)  
1144 - 1145: Lúcio II (Gherardo  
de Caccianemici)  
1143 - 1144: Celestino II (Guido  
di Castello)  
1130 - 1143: Inocêncio II  
(Gregorio de Papeschi)  
1124 - 1130: Honório II  
(Lamberto dei Fagnani)  
1119 - 1124: Calisto II (Guido de  
Borgonha, arcebispo de Viena)  
1118 - 1119: Gelásio II (João de  
Gaeta)  
1099 - 1118: Pascoal II (Rainério,  
monge de Cluny)  
1088 - 1099: Urbano II (Odo,  
cardeal-bispo de Óstia)  
1086 - 1087: Vítor III (Desidério,  
abade de Monte Cassino)  
1073 - 1085: Gregório VII  
(Hildebrando, monge)  
1061 - 1073: Alexandre II  
(Anselmo de Baggio)  
1058 - 1061: Nicolau II (Geraldo  
de Borgonha, bispo de Florença)  
1058 - 1059: Bento X (João de  
Velletri)  
1057 - 1058: Estevão IX  
(Frederico, abade de Monte  
Cassino)  
1055 - 1057: Vítor II (Geraldo de  
Hirschberg)  
1049 - 1054: Leão IX (Bruno,  
conde de Egisheim-Dagsburg)  
1048: Dâmaso II (Poppo, conde  
de Brixen)

1046 - 1047: Clemente II  
(Suidgero de Morsleben)  
1045 - 1046: Gregório VI (João  
Graciano Pierleone)  
1033 - 1046: Bento IX (Teofilato  
de Túsculo)  
1024 - 1032: João XIX (conde de  
Túsculo)  
1012 - 1024: Bento VIII (conde  
de Túsculo)  
1009 - 1012: Sérgio IV (Pietro  
Buccaporci)  
1003 - 1009: João XVIII (João  
Fasano de Roma)  
1003: João XVII (Giovanni Sicco)  
999 - 1003: Silvestre II (Gerberto  
de Aurillac)  
996 - 999: Gregório V (Bruno de  
Caríntia)  
985 - 996: João XV (?)  
983 - 984: João XIV (Pedro  
Canipanova)  
974 - 983: Bento VII  
972 - 974: Bento VI  
965 - 972: João XIII (João de  
Nardi)  
964: Bento V  
963 - 965: Leão VIII  
955 - 964: João XII  
946 - 955: Agapito II  
942 - 946: Marino II (ou Martinho  
III)  
939 - 942: Estevão VIII  
936 - 939: Leão VII  
931 - 935: João XI  
928 - 931: Estevão VII  
928: Leão VI  
914 - 928: João X (João de  
Tossignano, arcebispo de  
Ravena)  
913 - 914: Lando  
911 - 913: Anastácio III  
904 - 911: Sérgio III  
903 - 904: Cristovão  
903: Leão V  
900 - 903: Bento IV  
898 - 900: João IX  
897: Teodoro II  
897: Romano  
896 - 897: Estevão VI  
896: Bonifácio VI  
891 - 896: Formoso  
885 - 891: Estevão V  
884 - 885: Adriano III  
882 - 884: Marino I (ou Martinho  
II)  
872 - 882: João VIII  
867 - 872: Adriano II  
858 - 867: Nicolau I  
855 - 858: Bento III  
847 - 855: Leão IV  
844 - 847: Sérgio II  
827 - 844: Gregório IV  
827: Valentim  
824 - 827: Eugênio II  
817 - 824: Pascoal I  
816 - 817: Estevão IV

795 - 816: Leão III  
772 - 795: Adriano I  
768 - 772: Estevão III  
757 - 767: Paulo I  
752 - 757: Estevão II  
752: Estevão [II] (pontificado de  
apenas 4 dias)  
741 - 752: Zacarias  
731 - 741: Gregório III  
715 - 731: Gregório II  
708 - 715: Constantino  
708: Sisínio  
705 - 707: João VII  
701 - 705: João VI  
687 - 701: Sérgio I  
686 - 687: Cónon  
685 - 686: João V  
683 - 685: Bento II  
682 - 683: Leão II  
678 - 681: Agatão  
676 - 678: Dono  
672 - 676: Adeodato II (ou  
Deusdedite II)  
657 - 672: Vitaliano  
654 - 657: Eugênio I  
649 - 655: Martinho I  
642 - 649: Teodoro I  
640 - 642: João IV  
638 - 640: Severino  
625 - 638: Honório I  
619 - 625: Bonifácio V  
615 - 618: Adeodato I (ou  
Deusdedite I)  
608 - 615: Bonifácio IV  
606 - 607: Bonifácio III  
604 - 606: Sabiniano  
590 - 604: Gregório I Magno  
579 - 590: Pelágio II  
575 - 579: Bento I  
561 - 574: João III  
556 - 561: Pelágio I  
537 - 555: Vigílio  
536 - 537: Silvério  
535 - 536: Agapito (ou Agapeto)  
533 - 535: João II  
530 - 532: Bonifácio II  
526 - 530: Félix III  
523 - 526: João I  
514 - 523: Hormisdas  
498 - 514: Símaco  
496 - 498: Anastácio II  
492 - 496: Gelásio I  
483 - 492: Félix II  
468 - 483: Simplício  
461 - 468: Hilário (ou Hilario)  
440 - 461: Leão I Magno  
432 - 440: Sisto III  
422 - 432: Celestino  
418 - 422: Bonifácio I  
417 - 418: Zózimo  
402 - 417: Inocêncio I  
399 - 402: Anastácio I  
384 - 399: Sirício  
366 - 384: Dâmaso I  
352 - 366: Libério  
337 - 352: Júlio I  
336: Marcos

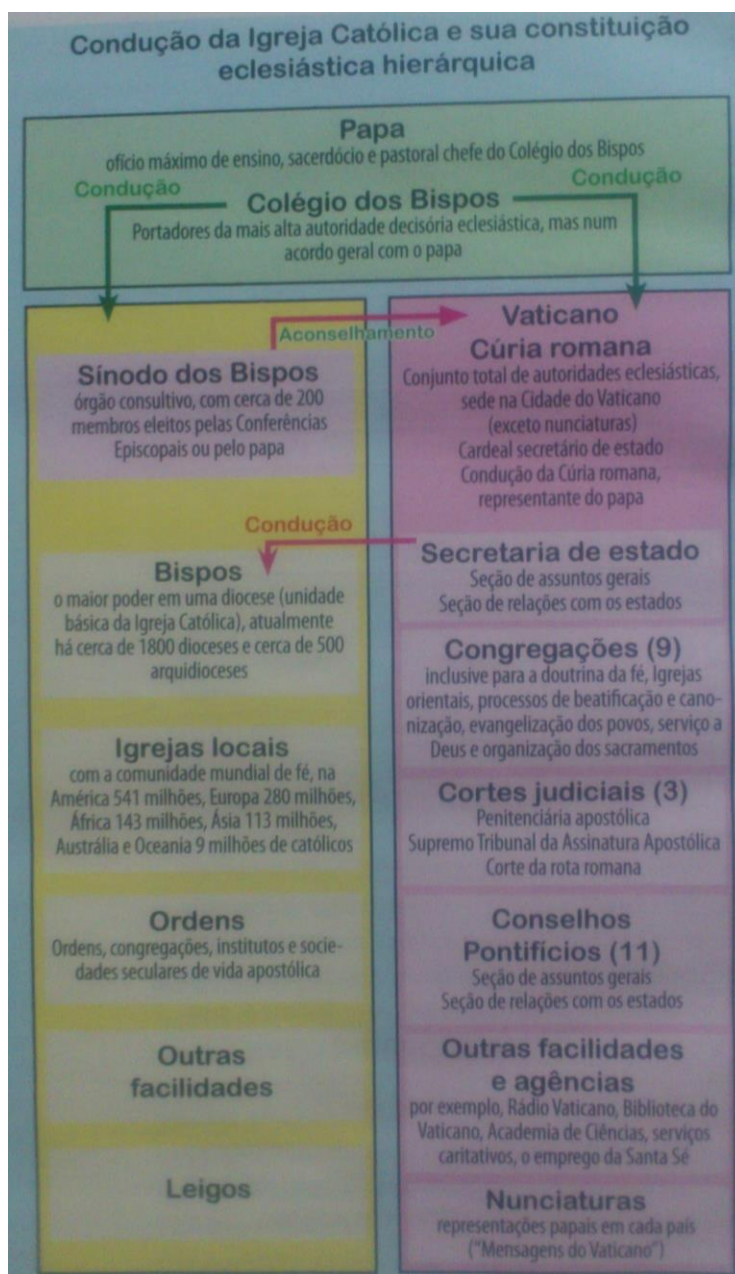
314 - 335: Silvestre I  
 310 - 314: Melcíades  
 308 - 310: Eusébio  
 307 - 309: Marcelo I  
 296 - 304: Marcelino  
 282 - 296: Caio  
 274 - 282: Eutiquiano  
 268 - 274: Félix I  
 260 - 268: Dionísio  
 257 - 258: Sisto II  
 254 - 257: Estevão I

253 - 254: Lúcio I  
 251 - 253: Cornélio  
 236 - 250: Fabiano  
 235 - 236: Antero  
 230 - 235: Ponciano  
 222 - 230: Urbano I  
 217 - 222: Calisto I  
 199 - 217: Zeferino  
 189 - 199: Vítor I  
 174 - 189: Eleutério  
 166 - 174: Sotero

154 - 165: Aniceto  
 143 - 154: Pio I  
 138 - 142: Higinio  
 125 - 138: Telésforo  
 116 - 125: Sisto I  
 107 - 116: Alexandre I  
 101 - 107: Evaristo  
 90 - 101: Clemente I  
 79 - 90: Anacleto (ou Cleto)  
 64 - 79: Lino  
 33 - 64: Pedro Apóstolo

Após a morte de São Pedro a sucessão do Bispo de Roma segue através de eleição. Essa eleição, nos tempos atuais, é realizada através de um conclave, como segue no item 1.1.

A título de curiosidade, segue abaixo a constituição hierárquica da Igreja Católica sob o governo do Papa.



## 1.1. O Conclave

A palavra “conclave” vem do latim “*Cum Clave*”, que significa “Com Chave”, devido aos cardeais ficarem, literalmente, trancados às portas fechadas sem acesso o mundo exterior durante o processo de eleição do novo Papa.

Normalmente o Conclave se dá após 15 dias da morte do Papa atual, pois nesse período ocorre o “*novemdiales*”, o seja, os 9 dias de luto pelo falecimento do papa. Porém, Bento XVI abriu precedente com sua renúncia, pois permitiu que o Conclave fosse convocado um dia após a sua renúncia. O período até a eleição de um nova Papa é conhecido como “*Sé Vacante*”, pois a “*Catedra de Pedro*” está desocupada. Assim, a administração dos bens e das leis da Igreja fica a cargo do “*Carmelengo*”, despachando apenas casos ordinários e de urgência. Ele também é responsável por constatar a morte do papa, recolher e destruir o selo e o anel pontifícios e lacrar os aposentos em que o pontífice viveu, ao qual somente o novo Pontífice eleito terá acesso.

Uma vez constatado o falecimento do Papa o Cardeal Decano, presidente do Colégio dos Cardeais, deve anunciar a notícia e convocar todos os Cardeais para o Colégio Cardinalício. Ficando o governo da Igreja a cargo desse Colégio.

Com os Cardeais já reunidos, como primeiro passo para o Conclave, discute-se as características e perfil que o futuro Papa deve ter, bem como apontar os possíveis candidatos. Ainda no mesmo dia os Cardeais seguem para a Capela Sistina, invocando o “Espírito Criador”, para iniciar o Conclave.

Como regra para o Conclave, apenas 120 Cardeais podem participar e todos devem ter menos de 80 anos. Como funções no processo eleitoral segue a eleição, por sorteio, de três cardeais escrutinadores que ficarão responsáveis por verificar e contar os votos. Eles são designados, por ordem de sorteio, como primeiro, segundo e terceiro escrutinador. Em seguida, são sorteados três cardeais “*infirmarii*”, que recolhem os votos daqueles que eventualmente vierem a adoecer - estes são

recolhidos para a Casa de Santa Marta, onde se alojam todos os cardeais eleitores. Por fim, são sorteados três cardeais revisores, que têm a função de ratificar os votos.

A votação compreende três passos: contagem dos votos, verificação dos votos e destruição das cédulas com fogo. Independente do tempo que o Conclave demore, um cardeal precisa receber dois terços dos votos para ser eleito Papa. Caso nenhum cardeal atinja dois terços dos votos, todas as cédulas são recolhidas em uma caixa. A caixa é levada a um forno na Capela Sistina. É adicionada palha molhada e alguns produtos químicos ela é queimada, emitindo assim uma fumaça negra.

Caso um cardeal tenha obtido os dois terços dos votos, o Camerlengo, em nome de todo o Colégio Cardinalício, pede o consentimento do eleito e este deve então aceitar se tornar o novo papa. Se assim o fizer, imediatamente ele deve informar o nome pelo qual deseja passar a ser conhecido. O novo papa então é conduzido à Sala das Lágrimas pelo Camerlengo e o Mestre de Cerimônia troca seu traje pela batina branca. Ele retorna ao encontro dos demais cardeais já trajando a batina papal. A seguir, estes prostram-se para prestar o ato de obediência ao novo “Sumo Pontífice”, que consiste em beijar-lhe o pé. A caixa que contém os votos da eleição é então levada ao forno, juntamente com palha seca e produtos químicos, para que uma fumaça branca seja expelida.

Quando ao final de um conclave o nome do papa é anunciado aos fiéis a partir da varanda da Basílica de São Pedro. O Cardeal Protodiácono, a quem cabe essa tarefa como chefe de protocolo do Vaticano, pronuncia as seguintes frases latinas:

*“Annuntio vobis gaudium magnum: Habemus papam!*

*Eminentissimum AC reverendissimum dominum, Dominum [prenome], Sanctae Romanae Ecclesiae Cardinalem [sobrenome], qui sibi nomem imposuit [nome de papa].”* (Anuncio-vos uma grande alegria: Temos papa! O eminentíssimo e reverendíssimo senhor, Senhor [nome], cardeal [sobrenome] da Santa Igreja romana, que atribuiu a si o nome [nome de papa].)

O nome proclamado passa a ser usado pelo nova Papa a partir desse momento e pelo resto de seu pontificado, que normalmente corresponde ao final de sua vida. Tradicionalmente, a escolha do nome de um novo papa inclui também um compromisso com determinado contexto e orientação teológica, e também pode ser entendida como ligação ao predecessor da mesma cadeia de nomes.

Para efeito de conhecimento vale ressaltar que o termo Papa, que vem do grego “Pappas” e significa pai, era atribuído a todos os bispos da Igreja. Mas, por ordem do Papa Gregório VII esse termo passou a ser de uso exclusivo do Bispo de Roma.

## 1.2. O Concílio Vaticano II

O Papa João XXIII, vendo o seu tempo cercado por guerras, perda do sentido do sagrado, a pluralidade de ideologias e o progresso científico, foi inspirado a instaurar o Concílio Vaticano II, o XXI Concílio da história da Igreja. Encarando-o como “Aggiornamento”, que significa atualização, mostrando o quanto a Igreja deseja anunciar o depósito da fé a ela confiado.



Papa João XXIII na abertura do Vaticano II

Fonte: [www.snpcultura.org/concilio\\_vaticano\\_ii\\_origem\\_e\\_documentos.html](http://www.snpcultura.org/concilio_vaticano_ii_origem_e_documentos.html)



A convocação para o Concílio Vaticano II foi oficializada pela Constituição Apostólica “*Humanae Salutis*”, onde o Papa João XXIII nos diz:

*“A Igreja assiste, hoje, à grave crise da sociedade. Enquanto para a humanidade surge uma era nova, obrigações de uma gravidade e amplitude imensas pesam sobre a Igreja, como nas épocas mais trágicas da sua história. Trata-se, na verdade, de pôr em contacto com as energias vivificadoras e perenes do evangelho o mundo moderno: mundo que se exalta por suas conquistas no campo da técnica e da ciência, mas que carrega também as conseqüências de uma ordem temporal que alguns quiseram reorganizar prescindindo de Deus. Por isso, a sociedade moderna se caracteriza por um grande progresso material a que não corresponde igual progresso no campo moral. Daí, enfraquecer-se o anseio pelos valores do espírito e crescer o impulso para a procura quase exclusiva dos gozos terrenos, que o avanço da técnica põe, com tanta facilidade, ao alcance de todos; e mais ainda - um fato inteiramente novo e desconcertante - a existência do ateísmo militante, operando em plano mundial.”*

E para essa convocação foi realizado um ano de estudos e consultas ao Colégio Cardinalício, do Episcopado de todo mundo, dos Discalceos da Cúria Romana, dos Superiores das Ordens e das Congregações Religiosas e das Universidades e das Faculdades Eclesiásticas. Brotando “pontos claros a serem submetidos a um profundo estudo.” Assim, são convocados de toda parte do mundo todos os cardeais, patriarcas, primazes, arcebispos e bispos tanto residenciais como apenas titulares e todos os que tinham direito e dever de intervir no concílio.

Diante disso, o Concílio Vaticano II teve sua abertura no dia 11 de outubro de 1962 e a sessão inaugural contou com 2540 padres conciliares, sendo: 1060 bispos da Europa, 423 Italianos, 144 Franceses, 87 Espanhóis, 59 Poloneses, 29 Portugueses, 408 Asiáticos, 351 Africanos, 416 Norte Americanos, 620 da América Central e do Sul, 74 da Oceania e 129 religiosos.

Ao todo foram realizadas 4 sessões, tendo seu término em 8 de dezembro de 1965. Porém, o Papa João XXIII não viu a conclusão dessa empreitada em virtude de sua morte em 3 de junho de 1963. Com isso, a condução e conclusão do Concílio foi assumida pelo Papa Paulo VI, o qual pronunciou em 29 de setembro de 1963 as seguintes palavras:

“(…) na consciência do Magistério eclesiástico a convicção de que a doutrina católica não deve ser somente verdade a ser explorada pela razão sob a luz da fé, mas sim palavra geradora de vida e de

ação; que a autoridade da Igreja não pode limitar-se a condenar os erros que a ferem, mas deve proclamar ensinamentos positivos, de interesse vital, que tornem fecunda a fé”.

Ratificando, assim, o “Aggiornamento” inspirado por João XXIII.

O Concílio produziu 16 documentos, sendo: 4 Constituições, 9 Decretos e 3 declarações.

As Constituições Apostólicas são as de maior importância e tratam de assuntos fundamentais a nossa fé. Elas podem ser Constituições Dogmáticas ou Constituições Disciplinares (Pastorais e Conciliares). Quanto às Dogmáticas, tratam dos dogmas fundamentais da nossa fé; as Disciplinares dizem respeito às determinações canônicas, oficiais da Igreja. O Concílio Vaticano II produziu duas Constituições Dogmáticas: a *Dei Verbum* (Sobre a Revelação Divina) e a *Lumen Gentium* (Sobre a Igreja). Também presenteou-nos com duas Constituições Pastorais Conciliares: a *Sacrosanctum Concilium* (Sobre a Sagrada Liturgia da Igreja) e a *Gaudium et Spes* (Sobre a Igreja no Mundo atual).

As Declarações, como o nome já nos diz, apresentam declarações advindas de autoridades eclesiásticas. As produzidas pelo Concílio foram três: *Gravissimum Educationis* (Sobre a Educação Cristã), *Nostra Aetate* (Sobre a Igreja e as Religiões não-Cristãs) e *Dignitatis Humanae* (Sobre a Liberdade Religiosa).

Os Decretos não diferem muito da compreensão que já temos a partir do Direito Civil, tratam-se de declarações que determinam o cumprimento de decisões de uma autoridade. As autoridades hierárquicas da Igreja (Papa, Bispos, Padres e Diáconos) podem criar Decretos, dentro de seus limites de autoridade, a respeito de determinado assunto. Neste caso temos Decretos Conciliares porque foram produzidos pelo Concílio e receberam a assinatura do Papa. São nove os Decretos do Vaticano II: *Ad Gentes* (Sobre a Atividade Missionária da Igreja), *Presbyterorum Ordinis* (Sobre o Ministério e a Vida dos Sacerdotes), *Apostolicam Actuositatem* (Sobre o Apostolado dos Leigos), *Optatam Totius* (Sobre a Formação Sacerdotal), *Perfectae Caritatis* (Sobre a Conveniente Renovação da Vida Religiosa), *Christus Dominus* (Sobre o Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja), *Unitatis Redintegratio*

(Sobre o Ecumenismo), *Orientalium Ecclesiarum* (Sobre as Igrejas Orientais Católicas) e *Inter Mirifica* (Sobre os Meios de Comunicação Social).

Segundo o Compêndio do Vaticano II, de Frei Boaventura Kloppenburg e Frei Frederico Vier(2000), o Concílio Vaticano II visava:

**I Ser pastoral** - Tendo essa finalidade proclamada por seu idealizador, o Papa João XXIII, o qual disse que o Concílio é a renovação da adesão a todo ensino da Igreja, na sua integridade e exatidão, desde Trento até o Vaticano I. E esse ensino deve ser transmitido por meio das formas do pensamento moderno, sem perder a formulação do “*Depositum Fidei*”. Tendo grande conta e medindo tudo nas formas e proporções do magistério prevalentemente pastoral. O Papa Paulo VI, o qual deu continuidade ao Concílio, ainda ressaltou que este deveria ser conscientemente pastoral e que a doutrina confiada a Igreja foi feita para ser vivida, ser anunciada às almas e para demonstrar a virtude salvadora. É intenção ainda que o Concílio exprima a mensagem de Cristo através e na linguagem, costumes e cultura dos diversos povos das diversas nações que habitam no mundo.

**II Ser ecumênico** – Esse caráter foi publicado oficialmente pelo *L’Osservatore Romano* de 26 a 27 de janeiro de 1959, onde dizia: “Pelo que se refere à celebração de um Concílio Ecumênico, este, segundo o pensamento do Santo Padre, não somente tende à edificação do povo cristão, mas também quer ser um convite às comunidades separadas para a busca da unidade pela qual hoje em dia muitas almas anseiam em todos os pontos da terra”. Isso permitiu uma abertura ao diálogo com as diversidades de religiões que nos circundam e propiciou um “Feed Back” de como estes nos vêm.

**III Ser doutrinário** – O Papa Paulo VI ressaltou a necessidade de expor a doutrina e explicar o pensamento de Cristo sobre a sua Igreja. Para isso propôs fixar as “características e a missão dos pastores dentro da Igreja; devendo examinar e, com o favor do Espírito Santo, determinar as prerrogativas constitucionais, indicar as relações entre a Sé Apostólica e o mesmo Episcopado, manifestar, tanto aos fiéis da Igreja como também aos irmãos separados, o verdadeiro conceito dos órgãos hierárquicos e isso com autoridade certa da qual não é lícito duvidar. E tendo como o

principal ponto a investigação e declaração da doutrina relativa à natureza e à missão da Igreja.”

**IV Ensinar com autoridade Divina** – No dia 16 de novembro de 1964 foi mencionado na 123ª Congregação Geral os seguintes termos: “... este sagrado Concílio só define aquelas coisas relativas a fé e aos costumes que abertamente declarar como de fé. Tudo o mais que o sagrado Concílio propõe, como doutrina do supremo Magistério da Igreja, devem-no os fiéis receber e interpretar segundo a mente do mesmo Concílio, a qual se deduz quer do assunto em questão, quer do modo de dizer, segundo as normas da interpretação teológica.”

E como herança concreta do Concílio tivemos:

a) Movimento Bíblico - Rompeu com a rigidez de um único “sentido literal” dos textos bíblicos, permitindo maior averiguação e interpretação dos textos Sagrados. O concílio também avançou na compreensão da inspiração e da interpretação dos textos. Começa a ser gestado a valorização (sacramentalidade) da Palavra de Deus na vida e missão da Igreja.

b) Movimento Litúrgico - Sobretudo a partir do início do século XX, alimentava-se na Igreja visível desejo de reforma litúrgica, pois esta continuava a sofrer o danoso fixismo e rubricismo de quatro séculos tridentinos, com seu acentuado deslocamentos de eixo na compreensão e vivência da liturgia: do essencial para o acidentais, do teologal para o devocional, do eclesial-comunitário para o individualismo religioso, do mistério celebrado para o cumprimento meramente exterior dos ritos.

c) Movimento Teológico - O Movimento Teológico constituiu-se numa tentativa de refletir teologicamente as experiências do homem moderno, diante dos avanços da ciência, da história, da literatura e da filosofia, muitas vezes ignorados pela Igreja. Criou-se, aos poucos, uma teologia que propiciou moderna compreensão global da existência, da transcendência e do espiritual. Os avanços teológicos apresentados pelo Concílio não foram fruto exclusivo deste evento eclesial, considerado como maior do Século XX. Quase tudo já havia sido dito por um ou vários teólogos. O

mérito do Concílio foi “estender a toda a Igreja o que antes estava ao alcance só de alguns”.

d) Movimento Laical - A Igreja do séc. XX teve que confrontar-se com novas situações da realidade do mundo moderno, sobretudo com o fenômeno da urbanização e da secularização. A pastoral da Igreja, que orientava o povo cristão nos moldes rurais e agrários, não respondia mais ao novo contexto urbano e da vida operária. Em muitos espaços do mundo moderno, não atingidos pela Igreja, havia presença de leigos cristãos. A modernidade estava entrando na Igreja, a qual já não podia mais ficar recolhida só “ad intra” (para dentro), mas era convidada a semear criativamente o evangelho de forma missionária, também em novos solos (ambientes) e com novas formas (metodologias pastorais).

Diante das proposições acima discorreremos nos próximos capítulos os perfis e carismas dos papas pós Concílio Vaticano II

## **2. OS PAPAS PÓS-CONCÍLIO VATICANO II**

### **2.1. PAPA SÃO JOÃO XXIII**

O Papa João XXIII nasceu em 25 de novembro de 1881, na cidade de Sotto il Monte(Bérgamo), localizada na província de Bérgamo. Seu nome de batismo é Angelo Giuseppe Roncalli, sendo o 4º de 13 irmãos, e ainda na adolescência sentiu o chamado de Deus para o sacerdócio e ingressou para o seminário.

Era um grande devoto de São Francisco de Assis e assim seguiu as regras franciscanas para sua espiritualidade e ingressou na Ordem Franciscana Secular. Estudou no Pontifício Seminário Romano e nesse tempo ele prestou um ano de serviço Militar, recebendo a ordenação sacerdotal em 10 de agosto de 1904. Já no ano seguinte foi nomeado secretário do Bispo de Bérgamo, Dom Giacomo Maria, o acompanhando em suas visitas pastorais. Seu trabalho foi tão eficaz que o papa Pio IX o nomeou visitador apostólico da Bulgária e, ao mesmo tempo, foi elevado à

dignidade episcopal. Em 1953 foi nomeado delegado apostólico para a Turquia e Grécia, em 1959 foi nomeado cardeal e enviado para Veneza como patriarca.

Com a morte de Pio XII foi eleito Papa em 28 de outubro de 1958. Assumindo o nome de João XXIII e tendo como lema “*Obediencia et Pax*” (Obediência e Paz). Durante os 5 anos de seu pontificado se apresentou como misericordioso e bom pastor, honrando seu título de “Servo dos servos de Deus”.

Suas características eram de uma pessoa humana, simples, sincera, brincalhão, alegre e mediadora de conflitos, seus olhos eram voltados para os presos, homens e mulheres de todas as classes e nações com igual ternura. Tanto que nos deixou como herança a encíclica “*Pacem In Terris*”, sobre a paz de todos os povos.

Quando achavam que não seria possível que construí-se nada mais para a Igreja, este, vendo que o mundo estava preocupado cada vez mais com progresso material, abandonando as realidades eternas, convoca o Concílio Vaticano II com o intuito de despertar um novo Pentecostes capaz de reanimar a riqueza interior da Igreja. Porém, faleceu no dia 3 de junho de 1963, antes da conclusão do Concílio. Foi beatificado em 3 de setembro de 2000 e canonizado dia 27 de abril de 2014.

## **2.2. BEATO PAPA PAULO VI**

Paulo VI foi o 262º Papa da história da Igreja, seu papado foi de 1963 a 1978. Seu nome de Batismo é Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, nascido em 26 de setembro de 1897 na cidade de Concesio(Brésia), Itália. Entrou no seminário em 1916 sendo ordenado em 1920. Estudou na Universidade Gregoriana, na Universidade de Roma e na Pontifícia Academia Eclesiástica. Aos 32 anos foi lhe concedido a cadeira de História Diplomática na Academia Diplomática. Foi, ainda, Arcebispo de Milão, secretário da Conferência de Bispos Italianos e nomeado cardeal pelo Papa João XXIII. No dia 21 de junho de 1963 foi eleito Papa, após a morte de João XXIII. Escolheu o nome Paulo VI, indicando que tinha uma missão

mundial de propagar a mensagem de Cristo. Inicialmente, determinou a reabertura do Concílio Vaticano e lhe atribui prioridade e direção. Promoveu grandes reformas no cristianismo que foram significativas para afetar toda a Igreja. Como Arcebispo desenvolveu um plano pastoral visando atuação nas questões sociais, dos trabalhadores industriais e a renovação da vida litúrgica. Ficando, assim, conhecido como o Arcebispo dos Operários.

Detinha uma grande devoção mariana, publicando três encíclicas sobre o assunto. Foi ainda o primeiro Papa a viajar de avião e a visitar os cinco continentes, o que o leva a sofrer uma tentativa de assassinato nas filipinas. Tinha como característica uma grande abertura para o diálogo, contribuindo para uma aproximação com a Igreja Ortodoxa, Anglicana e Protestantes.

Seu grande marco no Papado foi ter assumido o legado do Concílio Vaticano II, deixado pelo seu antecessor. Tendo como cronologia:

- 9 de setembro de 1963 - Abertura da segunda sessão do Concílio. Paulo VI a encerra em 4 de dezembro com a promulgação da Constituição sobre a Sagrada Liturgia.
- Janeiro de 1964 - realiza uma viagem sem precedentes à Terra Santa, onde se dá um histórico encontro com Atenágoras I, Patriarca de Jerusalém.
- 6 de agosto de 1964 - Publica sua encíclica *Ecclesiam Suam*.
- Terceira sessão conciliar - duraria de 14 de setembro até 21 de novembro de 1964. Se fecharia com a promulgação da Constituição sobre a Igreja. Naquela ocasião proclamou Maria como Mãe da Igreja.
- Dezembro de 1964 - Entre a terceira e a quarta sessão do Concílio, Paulo VI viaja a Bombay, para participar de um Congresso Eucarístico Internacional.
- 4 de outubro - Durante a quarta e última sessão do Concílio, viaja a Nova York à sede da ONU, para fazer um histórico chamado à paz mundial ante os representantes de todas as nações.
- 7 de dezembro de 1965 - um dia antes de finalizar o grande Concílio, o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras I fazem uma declaração conjunta pela que deploravam e se levantavam os mútuos anátemas. Pronunciados pelos

representantes da Igreja Oriental e Ocidental em Constantinopla em 1054 e que marcavam o momento culminante do cisma entre as Igrejas do Oriente e do Ocidente.

- 8 de dezembro de 1965 - Confirmava solenemente os decretos do Concílio e proclamava um jubileu extraordinário, de 1º de janeiro a 29 de maio de 1966, para reflexão e renovação de toda a Igreja à luz dos grandes ensinamentos conciliares.

Para atenuar a distância hierárquica da Igreja ele organizou com o sínodo dos bispos um órgão consultivo que a cada dois ou três anos deve se reunir no Vaticano, oferece aos níveis hierárquicos mais baixos o direito a voz e para ser mais equitativo com a vida própria dos povos, institui as conferências nacionais dos bispos e permite a liturgia no vernáculo. Enfrentou também resistências às reformas, sendo acusado de traição na Igreja e no concílio. Essa resistência atinge seu ápice na suspensão do arcebispo francês Marcel Lefebvre que se opunha à reforma do concílio, à revisão do Missal Romano e à utilização das línguas vernáculas como linguagem litúrgica.

Paulo VI faleceu em 6 de agosto de 1978, tendo seu processo de beatificação iniciado em 11 de maio de 1993. Foi beatificado em 19 de outubro de 2014 pelo Papa Francisco.

### **2.3. PAPA JOÃO PAULO I**

O Pontificado do Papa João Paulo I foi breve, tendo a duração de 33 dias. Apesar da brevidade ainda conseguiu arquitetar e desenvolver algumas mudanças na Igreja, como: manutenção da estrutura curial, renúncia à coroação, à tiara e à sede gestatória, assim como sua solicitação para que fossem suspensas as formalidades da audiência aos cardeais com mais de 80 anos, que não haviam participado do escrutínio, e que deveriam prestar voto de obediência ao novo pontífice.

Nascido de família humilde na província de Belluno, na Itália, em 17 de outubro de 1912, tendo como nome de batismo Albino Luciani, sendo batizado no mesmo dia por sua parteira devido o perigo iminente de morte. Foi ordenado padre em 1935,



nomeado Bispo por João XXIII e cardeal por Paulo VI. Esteve ainda presente no Concílio Vaticano II. Foi eleito Papa em 26 de agosto de 1978, assumindo o nome de João Paulo em homenagem aos seus antecessores João XXIII e Paulo VI. Teve como lema “HVMILITAS”, que significa humildade, e essa característica somada à sua afabilidade lhe deu a alcunha de Papa Sorriso.

Faleceu de infarto durante o sono no dia 27 de setembro de 1978.

#### **2.4. PAPA SÃO JOÃO PAULO II**

O Papa João Paulo II, Karol Wojtyła, nasceu no dia 18 de maio de 1920 em Wadowice, na Polónia. Aos 8 anos ficou órfão de mãe e em seguida perdeu seus dois irmãos mais velhos. Se mudou para Cracóvia em 1938 para estudar Filosofia, onde fez teatro, o qual era uma das suas grandes paixões. Quando começou a II Guerra em 1939, foi trabalhar nas minas para não ser deportado para Alemanha. Após o falecimento de seu pai, e sozinho, foi estudar no seminário clandestino de Cracóvia, sendo ordenado sacerdote no dia 1º de novembro de 1946.

Foi ainda professor de teologia moral em 1953, arcebispo de Cracóvia no ano de 1964 e cardeal em 1967, sendo eleito Papa em 16 de outubro de 1978, com apenas 58 anos. Foi o primeiro Papa não italiano desde o século XVI, tendo suas pregações facilitado o colapso do socialismo. Devido a sua propensão para os contatos e especialmente às suas inúmeras viagens ao estrangeiro alcançou grande popularidade. Visitou cerca de 140 países, assim se mostrando uma figura carismática, de personalidade deliberada, de impacto público e gestos simbólicos. Essa visita à todos os continentes corresponde a 3 voltas completas no planeta, com isso ficou conhecido como o Papa Peregrino.

Em 13 de maio de 1981 sofreu um atentado na Praça de São Pedro, onde o atirador lhe atingiu com 2 tiros, tendo perfurado o seu tórax e abdômen gravemente. Ele atribui o desvio do projétil de seus órgãos vitais às mãos milagrosas de Nossa Senhora. No natal de 1983 ele visita seu atentador, Ali Agca, preso e o perdoo.

Ele se manteve firme nas posições do Concílio Vaticano II e se posicionou contra o comunismo e o capitalismo desenfreado voltado contras as políticas sociais, a manutenção da paz mundial e a defesa dos direitos sociais dos pobres e oprimidos. Fala ainda contra a “moderna cultura de morte”.

Em 12 de março de 2000 ele pronuncia um discurso marcante, cujo conteúdo era um pedido de perdão pelos pecados da Igreja Católica e pela violência cometida por alguns em nome do “serviço da verdade”.

Ele morreu de mal de Parkinson e câncer nos intestinos aos 84 anos de idade, em 2 de abril de 2005. E foi aclamado por uma enorme multidão na Praça de São Pedro como Santo. Foi beatificado em 1º de maio de 2011, sendo canonizado, junto com o Papa João XXIII, no dia 27 de abril de 2014.

## **2.5. PAPA BENTO XVI**

O Papa Bento XVI, Cardeal Joseph Ratzinger, nasceu no dia 16 de abril de 1927 na cidade de Marktl am Inn, Alemanha. Sua infância foi marcada pelo Nazismo, o qual perseguia os cristãos, a ponto do jovem Joseph testemunhar o açoitamento de seu pároco antes da celebração da Santa Missa. Porém, sua família sempre dava testemunho de uma sólida fé, o envolvendo de tal modo que recebeu sua ordenação sacerdotal em 29 de junho de 1951.

Foi professor de teologia dogmática e fundamental na Escola Superior de Freising, no ano de 1953 concluiu o doutorado em teologia e conseguiu habilitação para docência sobre a Teologia da História em São Boaventura. Sua carreira de docente deu-se ainda nos anos de 1959 a 1969, e a partir daí tornou-se catedrático de dogmática e história do dogma na Universidade de Ratisbona. E ainda, no Concílio Vaticano II atuou como perito e consultor teológico do Cardeal Joseph Frings, Arcebispo de Colónia.

Em 25 de Março de 1977, o Papa Paulo VI nomeou-o Arcebispo de München e Freising. A 28 de Maio seguinte, recebeu a sagração episcopal. Escolheu como lema

episcopal: “Colaborador da verdade”. Paulo VI criou-o Cardeal, do título presbiteral de “Santa Maria da Consolação no Tiburtino”, no Consistório de 27 de Junho desse mesmo ano. Em 1978, participou no Conclave, celebrado de 25 a 26 de Agosto, que elegeu João Paulo I. Foi Relator na V Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos realizada em 1980, que tinha como tema “Missão da família cristã no mundo contemporâneo”, e Presidente Delegado da VI Assembleia Geral Ordinária, celebrada em 1983, sobre a reconciliação e a penitência na missão da Igreja. Em 25 de novembro de 1981 João Paulo II o nomeou Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e Presidente da Pontifícia Comissão Bíblica e da Comissão Teológica Internacional. De 1986 a 1992 foi Presidente da Comissão encarregada da preparação do Catecismo da Igreja Católica, a qual, após seis anos de trabalho. Em 6 de novembro foi eleito Vice-Decano do Colégio Cardinalício, com este cargo, foi-lhe atribuída também a sede suburbicária de Óstia.

Na Cúria Romana, foi Membro do Conselho da Secretaria de Estado para as Relações com os Estados; das Congregações para as Igrejas Orientais, para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, para os Bispos, para a Evangelização dos Povos, para a Educação Católica, para o Clero, e para as Causas dos Santos; dos Conselhos Pontifícios para a Promoção da Unidade dos Cristãos, e para a Cultura; do Tribunal Supremo da Signatura Apostólica; e das Comissões Pontifícias para a América Latina, “Ecclesia Dei”, para a Interpretação Autêntica do Código de Direito Canônico, e para a revisão do Código de Direito Canônico Oriental.

Joseph Ratzinger foi eleito papa no dia 19 de abril de 2005. Em 2013, depois de oito anos sendo pastor da Igreja católica, no dia 11 de fevereiro, aos 85 anos, anunciou sua renúncia anunciando que fez isso por absoluta liberdade e para o bem da Igreja, e sabe que não está preparado com a devida força para o Ministério Petrino. A sua decisão foi acelerada pelas crises que desencadeou dentro da igreja, com o mudo islâmico, hebreu e as corrupções e falta de transparência dentro do Banco do Vaticano. Esse vazamento veio com o seu mordomo Paulo Gabriele. Em 28 de fevereiro de 2013 a renúncia se torna efetiva e os olhos do mundo se fixam no Vaticano. O conclave é convocado 12 dias depois e milhares de fieis chegam à Praça de São Pedro.

## 2.6. PAPA FRANCISCO

Nasceu em Buenos Aires, Argentina, no dia 17 de dezembro de 1936. Na juventude, teve uma doença respiratória que numa operação de remoção lhe fez perder um pulmão. Durante a sua adolescência, teve uma namorada, Amália. Segundo ela, Bergoglio chegou a pedi-la em casamento durante a época, tendo ele inclusive afirmado que, do contrário, se tornaria padre.

Como formação, diplomou-se como técnico químico, e depois escolheu o caminho do sacerdócio, entrando no seminário diocesano de Villa Devoto. A 11 de Março de 1958 entrou no noviciado da Companhia de Jesus. Completou os estudos humanísticos no Chile e, tendo voltado para a Argentina, em 1963 obteve a licenciatura em filosofia no colégio de São José em San Miguel. De 1964 a 1965 foi professor de literatura e psicologia no colégio da Imaculada de Santa Fé e em 1966 ensinou estas mesmas matérias no colégio do Salvador, em Buenos Aires. De 1967 a 1970 estudou teologia, licenciando-se também no colégio de São José.

No dia 20 de maio de 1992, o então papa João Paulo II nomeou Jorge Mario Bergoglio como bispo titular de Auca e auxiliar de Buenos Aires. No dia 27 de junho, recebeu na catedral a ordenação episcopal precisamente do cardeal. Como lema, escolheu "*Miserando atque eligendo*" e no seu brasão inseriu o "cristograma IHS", símbolo da Companhia de Jesus. O religioso foi nomeado vigário episcopal da região Flores, em dezembro de 1993, quando também foi-lhe confiada a tarefa de vigário-geral da arquidiocese. Depois do falecimento do cardeal Quarracino, Bergoglio foi conduzido ao cargo de arcebispo, em 28 de fevereiro de 1998. Três anos mais tarde, no Consistório, João Paulo II atribuindo-lhe o título de São Roberto Bellarmino. No ano de 2002, Bergoglio recusou a nomeação ao cargo de presidente da Conferência episcopal argentina, posição que viria a ocupar três anos mais tarde, sendo confirmado por mais um triénio em 2008. Em abril de 2005, participou no conclave durante o qual tinha sido eleito Bento XVI. Como arcebispo de Buenos Aires, o religioso pensou num projeto missionário centrado na comunhão e na evangelização, com quatro finalidades principais: comunidades abertas e fraternas; protagonismo de um laicado consciente; evangelização destinada a cada habitante

da cidade; assistência aos pobres, aos enfermos, visita às favelas e aos mais carentes. Sua vida pessoal também era marcada pela simplicidade, uma vez que dispensou motorista particular, optando por transitar pela cidade de ônibus e metrô, além de morar num apartamento simples, fazer sua própria comida e lavar suas próprias roupas.

Bergoglio foi eleito em 13 de Março de 2013, no segundo dia do conclave, escolhendo o nome de Francisco, representando a simplicidade e a sua dedicação aos pobres. Assim, tornou-se o 266<sup>a</sup> papa e o primeiro papa jesuíta e ainda latino americano. Isso trouxe uma grande alegria para sua ordem, pois advém de uma congregação que vive a servidão ao papa e que agora têm um papa irmão.

O Papa Francisco apareceu ao povo na sacada central da Basílica de São Pedro por volta das 20 horas e 30 minutos. Vestindo apenas a batina papal branca, acompanhou a execução da Marcha Pontifical e saudou a multidão com um discurso:

“Irmãos e irmãs, boa noite!

Vós sabeis que o dever do Conclave era dar um Bispo a Roma. Parece que os meus irmãos Cardeais tenham ido buscá-lo quase ao fim do mundo... Eis-me aqui! Agradeço-vos o acolhimento: a comunidade diocesana de Roma tem o seu Bispo. Obrigado! E, antes de mais nada, quero fazer uma oração pelo nosso Bispo Emérito Bento XVI. Rezemos todos juntos por ele, para que o Senhor o abençoe e Nossa Senhora o guarde.”

No dia 23 de março de 2013 o papa Francisco, após um breve voo de helicóptero, chegou ao Palácio Pontifício de Castel Gandolfo, residência de verão dos papas, para um encontro com seu antecessor, o Papa emérito Bento XVI. O encontro entrou para a história por ter sido o primeiro entre dois papas em, pelo menos, 600 anos. Após uma reunião de aproximadamente 45 minutos, os dois almoçaram e o Papa Francisco voltou ao Vaticano.

O Papa Francisco deseja uma Igreja pobre para os pobres, e com essa filosofia ele trabalha para trazer uma simplicidade à Igreja, a começar pelas vestes papais. Prega contra a busca do lucro a qualquer custo, prega a favor da vida e do meio ambiente, denuncia a corrupção daqueles que governam e convoca a todos os fieis

para serem missionários e compor uma Igreja em permanente estado de saída, uma Igreja Verdadeiramente missionária.

E assim segue firme na transmissão da doutrina e da reta fé de forma simples e próxima aos fieis.

### **3. CONSIDERAÇÕES**

É notório e evidente como o Espírito Santo suscita um pastor conforme a necessidade do tempo. Vemos João XXIII num tempo onde o secularismo e a perda do valor do sagrado avançavam, além de guerras entre nações, então este vem com o lema de “obediência e paz”. Já o Papa Paulo VI vislumbrou uma aproximação entre as demais religiões e os irmãos separados, abrindo a Igreja à um diálogo de proximidade. O Papa João Paulo I, mesmo com um breve papado, já via a necessidade da manutenção curial. E com base nisso quebrou paradigmas com relação as formalidades e a algumas pompas papais. O “Papa Peregrino”, João Paulo II, já partiu para a aproximação entre as nações. O seu carisma cativou a todos, independente de religião ou nacionalidade. O Papa Bento XVI seguiu a linha da catequese, reafirmando a reta doutrina e a defesa da verdadeira fé em suas raízes. Isso num mundo que estava vivendo e pregando o relativismo. E agora, como pastor, temos o Papa Francisco. Este que veio reascender a simplicidade e a necessidade de estarmos próximos das pessoas e principalmente daqueles que sofrem. Julga-se uma reforma do jeito de ser Igreja, mas o que acontece verdadeiramente é um reavivar e resgatar do verdadeiro sentido de ser Igreja.

Diante de tamanhas qualidades desses pastores da Igreja sou até desmerecedor de me julgar semelhante a alguns desses grandes homens e santos da Igreja. Porém, uma personalidade a qual me identifico é a do Papa João XXIII. Vejo isso, porque diante das dificuldades, das limitações, das opiniões contrárias e da imposição do mundo esse não desistia de cumprir o seu papel, e se colocava a executar a inspiração de Deus para o pastoreio do rebanho. Colocava-se a lutar e diante das barreiras via a solução e não um impedimento para seguir. Vejo-me um pouco assim, persistente nas coisas da fé e fiel às coisas me confiadas por Deus e pela Igreja. Tento ver as soluções antes dos problemas e assim, não esperando uma

situação mais confortável ou uma infraestrutura completamente montada, parto a executar aquilo que urge e é necessário no momento.

Contudo, confiemos no suscitar do Espírito Santo para a escolha do nosso pastor, pois ele sabe as necessidades dos seus filhos para o tempo vigente. Sendo assim, Ele provê toda graça necessária para não desviarmos do caminho do Senhor e alcançarmos a terra prometida, onde poderemos contemplar a face do Ressuscitado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A História Revelada dos Papas. Escala. São Paulo, 2009.

Catecismo da Igreja Católica. Loyola. São Paulo, 2000.

Kloppenburg, Frei Boaventura. Compêndio do Vaticano II. Vozes. Petropolis, 2000.

Código de Direito Canônico. Loyola. São Paulo, 2001.

<http://www.a12.com/formacao/detalhes/introducao-aos-documentos-conciliares>

<http://www.catolicismoromano.com.br/content/view/2804/40/>

<http://www.infoescola.com/biografias/papa-paulo-vi/>

<https://noticias.terra.com.br/mundo/europa/renuncia-do-papa/entenda-passo-a->

<https://pt.wikipedia.org/wiki/>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Papa\\_Francisco](https://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Francisco).

<http://sscjesus.paroquia.net.br/conheca-a-historia-do-papa-paulo-vi-que-sera-sera-beatificado-neste-domingo/>

<https://w2.vatican.va/content/john-paul-i/pt/biography.index.html>

[passo-como-e-o-conclave,d8d154d20104d310VgnCLD20000099cceb0aRCRD.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-i/pt/biography/index.html#passo-como-e-o-conclave,d8d154d20104d310VgnCLD20000099cceb0aRCRD.html)

<http://www.veritatis.com.br/apologetica/igreja-papado/a-origem-da-igreja-catolica-e-do-papado/>

[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/biography/documents/hf\\_ben-xvi\\_bio\\_20050419\\_short-biography.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography.html)

<https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>

[https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_spe\\_19621011\\_opening-council.html](https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html)